

FAETEC. Edital 04 -2026-1

RESPOSTAS AOS RECURSOS

TÓPICOS:

☒

Língua Portuguesa

☐

Matemática

N° da Questão	Opção de resposta por extenso	Parecer da Banca	Deferido ou Indeferido	Questão anulada ou Opção de Resposta correta
1	(C): Narração, porque sua finalidade é, sobretudo, apresentar vários fatos em sequência, evoluindo no tempo.	<p>A narração é um tipo textual que se caracteriza pela mudança de um estado a outro – ponto de vista dinâmico – em que atuam personagens, em um determinado espaço e tempo, exatamente como ocorre no fragmento em análise.</p> <p>Ao <i>apresentar vários fatos em sequência, evoluindo no tempo</i>, incluem-se outros elementos da narração, como personagens, ação, espaço e tempo, como se comprova no texto em análise.</p> <p>Não se pode dizer que se trata de <i>injunção, porque sua finalidade é, sobretudo, sugerir conselhos para o leitor</i>, porque o extrato em tela não se direciona à segunda pessoa do discurso, a fim de interpelá-la, ou de levá-la a agir de uma maneira imposta ou sugerida. Tampouco é uma <i>descrição, porque sua finalidade é, sobretudo, apresentar características do protagonista Samuel</i>, uma vez que a finalidade do texto em análise não é nomear, localizar/situar, qualificar os seres do</p>	INDEFERIDO	C

		<p>mundo de maneira estática e, muito menos, <i>de argumentação, porque sua finalidade é, sobretudo, dar opiniões a respeito de um boato</i> já que o fragmento não tem por objetivo defender uma tese, apoiada em argumentos.</p>		
3	<p>(D): no pretérito imperfeito, expressando ações durativas, e no pretérito perfeito, expressando ações concluídas.</p>	<p>Com efeito, o pretérito imperfeito (“tomava”, “sentavam”) indica um fato em curso, de valor durativo, descritivo, no passado, sem marca de conclusão, ao passo que o pretérito perfeito (“precisou”, “prometeu”) indica um fato concluído, de valor pontual, visto como um todo completo no passado.</p> <p>Não se pode, portanto, aceitar como correta a opção <i>no pretérito imperfeito, expressando ações em um passado anterior, e no pretérito perfeito, expressando ações em um passado posterior àquele</i>, pois, ainda que o pretérito imperfeito expresse ações em um passado anterior, elas precisam ser durativas, fato que não é contemplado nesta opção e quanto ao o pretérito perfeito, sabe-se que tem valor pontual não expressando ações em um passado posterior; igualmente incorreta está a alternativa <i>no pretérito perfeito, expressando ações repetidas, e no pretérito imperfeito, expressando ações anteriores às repetidas</i>, visto que não ocorrem ações repetidas em ambos os casos. Finalmente é também inaceitável a opção <i>no pretérito perfeito, expressando ações longas, e no pretérito imperfeito, expressando ações rápidas</i>, já que não é o critério de as ações serem longas ou rápidas que diferencia esses dois tempos verbais.</p> <p>Ratifica-se que o pretérito imperfeito jamais pode expressar ação concluída em qualquer época passada, não havendo nenhuma possibilidade de interpretação semântica ou discursiva nesse caso.</p>	INDEFERIDO	D
5	<p>(D): Francisco, o pai, a mãe e a irmã pequena, Diana</p>	<p>No texto, percebe-se facilmente que “Francisco, o pai, a mãe e a irmã pequena, Diana” mudaram de assunto, embora esse sujeito composto esteja no parágrafo anterior ao do verbo.</p> <p>Não se trata de um <i>sujeito indeterminado</i>, pois muito embora o verbo esteja na 3ª pessoa do plural, o que configuraria um caso de sujeito</p>	INDEFERIDO	D

		<p>indeterminado, há um referente explícito para esse verbo, o sujeito composto que aparece no parágrafo anterior. Também não se pode aceitar como correta a opção <i>Dr. Adriano</i>, uma vez que o verbo está no plural e, muito menos, a alternativa <i>um sujeito inexistente</i>, porque, no enunciado em análise, não se configura a possibilidade de nenhum caso de inexistência de sujeito, o que seria também impossível com um verbo no plural.</p> <p>A questão incide na interpretação a serviço da referência anafórica, isto é, da retomada de objetos de discurso já mencionados – no caso, “Francisco, o pai, a mãe e a irmã pequena, Diana”, o que inviabiliza totalmente a interpretação de um sujeito indeterminado, sem nenhum antecedente.</p> <p>A oração destacada no enunciado está inserida no texto, a cuja leitura o candidato é submetido, então, não se pode analisá-la isoladamente. Faz parte da competência leitora do aluno perceber e identificar as relações entre as orações e os períodos do texto.</p>		
6	(C): afetividade	<p>No texto, ao empregar o diminutivo em “conversinhas” (“ouvindo conversinhas da menina”), expressa-se afetividade, carinho, percepção carregada de ternura em relação ao que a menina falava, como parte das ações que traziam leveza ao momento narrado (“tentando fazer do momento o mais leve possível”).</p> <p>Todo o encaminhamento do texto não leva o leitor a perceber uma tonalidade de desprezo na interação entre os membros da família.</p> <p>O diminutivo pode exprimir várias qualidades, para além de tamanho. Nesse caso, porém, está incorreto afirmar que o diminutivo expressa <i>desprezo</i>, porque não há, no texto, nenhuma indicação de que a fala da menina fosse pouco importante, ou menosprezada; assim como <i>mentira</i>, por também não haver nenhum vestígio de falseamento da verdade naquela situação narrada; ou mesmo <i>inferioridade</i>, por não se observar nenhum tipo de comparação em que a conversa fosse considerada inferior, ou menos importante.</p>	INDEFERIDO	C

7	(A): orações com mesma estrutura em torno do verbo no gerúndio.	<p>A orações “ouvindo conversinhas da menina, rindo de bobagens, tentando fazer do momento o mais leve possível” constituem um caso de paralelismo estrutural ou paralelismo sintático, isto é, repete-se a mesma estrutura sintática em duas ou mais partes de um enunciado; no caso, as orações são iniciadas pela mesma estrutura de verbo no gerúndio.</p> <p>Na matriz SAEB, uma das habilidades requeridas do alunado é “analisar os mecanismos que contribuem para a progressão textual”. Na questão, essa habilidade é cobrada em termos de reflexão linguística sobre a organização de uma sequência de frases, de acordo com as orientações para o Ensino Fundamental II.</p> <p>Não se pode aceitar como correta a opção <i>uma sequência de ações comparáveis entre si</i>, pois, embora haja uma sequência de orações, elas não são comparáveis entre si. Tampouco a alternativa <i>orações com ideias repetidas, mas com palavras diferentes</i> está correta, uma vez que não se verificam orações com ideias repetidas, mas com palavras diferentes no enunciado em estudo. Finalmente também está incorreta a opção <i>uma sequência de ações em relação de causa e consequência</i>, porque não se trata de um enunciado em que se verifiquem relações de causa e consequência, ou seja, em que um evento (a causa) provoca o outro (a consequência).</p>	INDEFERIDO	A
8	(D): situação hipotética	<p>Os verbos sublinhados estão no pretérito imperfeito do subjuntivo, que aparece em contextos em que se expressa uma ação dependente de outra, geralmente em relação a hipóteses, desejos ou situações não realizadas. No fragmento em análise, o personagem lamenta não só não fazer parte daquela família, que o acolhia com afeto e generosidade, mas também não ter a sua própria família: “Nem mãe, nem pai, nem irmãos. Ninguém que <u>soubesse</u> de seu passado, que o <u>amasse</u> incondicionalmente, a quem ele <u>pudesse</u> confiar seu amor”, isto é, trata-se de uma projeção hipotética, de um desejo não realizado.</p> <p>Não se aceitam, portanto as demais opções: <i>situação real</i> e <i>situação concretizada</i>, pois não se trata de uma situação real, concreta, mas do</p>	INDEFERIDO	D

		que ele imagina, deseja e, também, incorreta está a alternativa <i>situação provável</i> , porque não ocorre uma projeção de situação, mas sim, uma hipótese.		
12	(A): “...as mesmas feridas de Jesus Crucificado que aparecem nos escolhidos, <u>por merecimento e santidade</u> ” (Linhas 23-25).	<p>“Por merecimento e santidade” apresenta a mesma ideia de CAUSA do termo “por não ter uma família”, sublinhado em “Samuel observava do sofá e tinha o coração dividido entre a gratidão pela acolhida e a profunda tristeza de não fazer parte daquela vida, <u>por não ter família</u>”, ou seja, <u>porque</u> não tinha uma família, ficava com o coração dividido entre a gratidão e a tristeza.</p> <p>Não apresentam a ideia de CAUSA os termos sublinhados em “<i>Agiram, então, <u>como todos os dias</u>...</i>” (Linha 7), que expressa conformidade; em “<i>...centenas de romeiros rezavam <u>por ele</u></i>” (Linhas 20-21), que expressa o beneficiário da ação verbal; em “<i>...o número de romeiros e curiosos aumentasse <u>de forma assustadora</u></i>” (Linhas 26-27), que expressa modo.</p>	INDEFERIDO	A
13	(D): fatos característicos de uma família comum.	<p>A letra da canção apresenta fatos corriqueiros, vividos por grande parte das famílias, como “Almoça junto todo dia”, “Janta junto todo dia”, “O choro do neném é estridente” / “Assim não dá pra ver televisão”, entre outros.</p> <p>Não está correto afirmar que a letra apresenta <i>uma crítica à defesa da família tradicional</i>, pois, embora apresente a configuração de uma família tradicional, não se interpreta do texto uma crítica à sua defesa; nem que apresenta <i>a hipocrisia de toda e qualquer família</i>, pois os fatos mencionados não representam hipocrisia, mas, ao contrário, a sinceridade inevitável da vida íntima de uma família; nem que apresenta <i>a alegria de ter a casa cheia de gente e de bicho</i>, pois os fatos narrados não apresentam alegria propriamente, mas situações limite, irritantes, engraçadas, além de amorosas.</p>	INDEFERIDO	D

		Salienta-se que a letra não se faz nenhuma crítica à <u>defesa</u> da família tradicional, nem se verifica nela um viés irônico.		
14	(B): separar elementos de uma enumeração.	<p>As vírgulas em “Papai, mamãe, titia” separam elementos de uma enumeração, de uma lista de elementos.</p> <p>Na letra, “Papai, mamãe, titia” representam a “família” mencionada e jamais um chamamento a uma possível segunda pessoa (vocativo).</p> <p>Nesse caso, as vírgulas não são empregadas <i>para indicar um chamamento por meio de vocativo</i>, já que não há nenhum elemento representando um chamamento voltado para o interlocutor; nem para <i>salientar uma explicação por meio de um aposto</i>, visto que não há um termo explicativo equivalente a outro, anterior; nem para <i>marcar a antecipação de termos para o início da oração</i>, porque os elementos “papai”, “mamãe”, “titia”, recuperados, no texto, por “família” (“almoça junto todo dia”) estão na posição de sujeito, de tema da oração, que, normalmente, fica no início da oração.</p>	INDEFERIDO	B
17	(B): modo	<p>O advérbio “assim” em “O choro do neném é estridente (uô-oh)/ <u>Assim</u> não dá pra ver televisão, oh” veicula ideia de modo, querendo dizer que, se o choro do neném é estridente, “assim”, isto é, dessa forma, desse modo, não dá para ver televisão.</p> <p>Excluem-se, portanto, as demais opções, pois não ocorre a expressão nem da ideia de <i>tempo</i>, <i>de consequência</i> e, nem também, de <i>causa</i>.</p> <p>Considerando-se uma possível ambiguidade na interpretação do advérbio assim – como de <i>modo</i> e de <i>consequência</i> –, anula-se a questão.</p>	DEFERIDO	ANULADA
18	(C): hipérbole	A hipérbole é uma figura de linguagem (figura de pensamento) que consiste em exagerar intencionalmente uma ideia, uma característica ou um fato, com o objetivo de dar mais expressividade à mensagem. É exatamente o que ocorre na expressão “morre de medo”.	INDEFERIDO	C

		Não se pode falar nem em ironia, uma vez que não se leva o interlocutor a compreender o oposto do que se fala, nem de “sinestesia”, porque não há o cruzamento de sensações e, muito menos, de eufemismo, já que não ocorre o abrandamento de ideias.		
19	(D): à ideia de família exclusivamente com pai, mãe, filha e filho.	<p>O molde com o rótulo lateral “Família”, contendo a forma de um homem, uma mulher, um menino e uma menina, baseia-se na ideia de família tradicional, exclusivamente constituída por pai, mãe e filhos. Todo cartum é crítico e, nesse caso, a crítica se concentra na ideia um tanto preconceituosa de que toda família deve seguir esse modelo, mostrando pessoas que derramam um monte de gente nessa única forma de família. Esse cartum é um meio de expressar a dificuldade de se pensar que as famílias podem ser muito diversas, constituídas de muitas outras maneiras, subvertendo o senso comum e a ideia de família tradicional.</p> <p>A imagem, portanto, não expressa uma crítica <i>ao modo como as famílias modernas são constituídas</i>, pois o molde não representa a “família moderna”, mas a tradicional; nem <i>à adoção de crianças por casais homossexuais</i>, embora esse fato esteja presente na sociedade atual e possa representar a família “moderna” que subverte o modelo tradicional; nem <i>a uma noção equivocada de família composta por “pets” (cães e gatos)</i>, pois nenhum elemento se refere a pets, embora haja pessoas que considerem-nos membros da família.</p>	INDEFERIDO	D
20	(D): a classe social mais prestigiada, que costuma ditar as regras morais.	<p>Os três personagens à direita – uma mulher e dois homens de terno e gravata – representam, por causa de sua aparência e seu comportamento, <i>a classe social mais prestigiada, que costuma ditar as regras morais</i>, já que eles figuram, no texto, como aqueles que manipulam a vasilha que derrama gente para ser forjada naquele modelo único de família.</p> <p>A aparência e o comportamento de personagens em charges e gêneros afins se pautam pelos estereótipos disseminados socialmente, generalizando certos aspectos que podem identificar grupos ou</p>	INDEFERIDO	D

		<p>categorias de pessoas. Nesse caso, a vestimenta e o gesto das personagens são característicos daqueles recorrentes em uma classe social de prestígio, que exerce forte dominação no grupo a que pertence. Terno e gravata não podem ser considerados um identificador exclusivo de nenhuma das profissões listadas na questão, mas, sim, da classe dominante em geral.</p> <p>Está errado afirmar que representam os <i>advogados, que costumam ditar as leis da sociedade</i>, já que as famílias se constituem de forma tradicional ou não de acordo com a vivência social, e não com base em leis e no que dizem advogados que lidam com elas profissionalmente; nem os <i>professores, que recriam a gravidez na adolescência</i>, visto que nem os professores costumam usar esse tipo de vestimenta, nem a gravidez na adolescência está representada na imagem, ainda que possa ser incluída na ideia de família não tradicional, com “mãe solo”, por exemplo; nem os <i>assistentes sociais, que costumam recolocar os indivíduos na sociedade</i>, porque, apesar de os assistentes sociais terem como uma de suas tarefas recolocar indivíduos na sociedade, nada na charge indica que os personagens tenham essa profissão.</p>		
--	--	---	--	--